

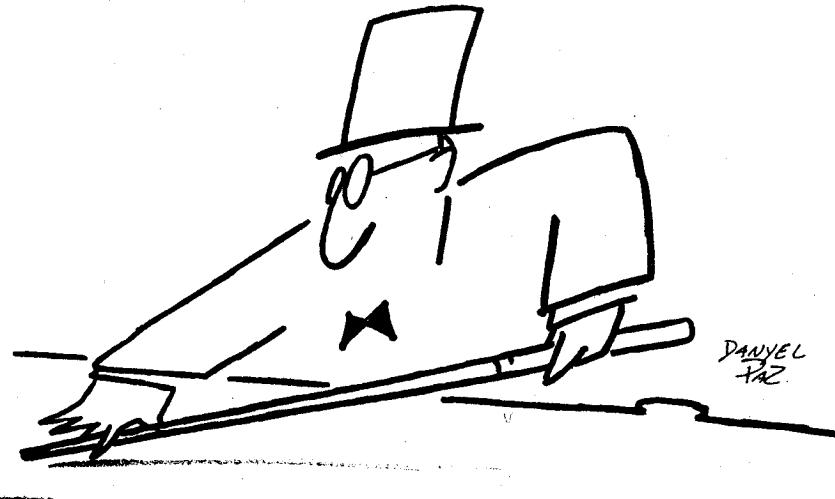
Credor afirma que há muito a negociar. Advogados ficam só um dia no BC

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — A única coisa certa no acordo com o Brasil é uma programação voluntária dos bancos credores até o dia 15 de março, para manter o crédito interbancário e as linhas comerciais brasileiras. Não foram discutidos o spread (taxa de risco) nem outros pontos, como a rolagem do principal (projeto 2). A informação é de um banqueiro credor norte-americano que participou das negociações em entrevista ao GLOBO:

O mesmo banqueiro comentou que foi adiado para 3 de fevereiro o reinício das negociações com o Diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, em Nova York. Um dos motivos foi a divulgação do texto do discurso do Presidente do Banco Central brasileiro, Fernão Bracher, que será feito em Londres, e onde ele acusa os bancos de formarem um cartel dos credores.

— Ameaças e linguagem deste gênero podem agradar ao público, mas não levarão o Brasil a nada. Os bancos têm que ser tratados como parceiros e não adversários, pois amea-



ças geram represálias. Esta foi uma das características das negociações da semana passada, a falta de paciência do Presidente do Banco Central. Mostramos a ele que há muitos problemas, como o não pagamento da Operação 63, a falta de um acordo com o FMI, além da taxa de risco, reemprestimo e outros pontos técnicos — disse o banqueiro.

Agora, outro cliente mais dramático está voltando ao mercado. É o México. O país precisa de US\$ 4,8 bi de créditos bancários e mais US\$ 2,5 bi em dinheiro novo. A situação mexicana é dramática e os banqueiros acreditam que o Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, vai capitalizar o drama mexicano.